

RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA UFPEL EM TURMAS DOS SÉTIMOS ANOS

GABRIEL LEMOS¹; YAGO JACONDINO NUNES²; CÉSAR AUGUSTO
FERRARI MARTINEZ³

¹*Universidade Federal de Pelotas – gabrielvelosolemos@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – yagojacondino@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – cesarfmartinez@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata as atividades realizadas pelos bolsistas do Residência Pedagógica e os resultados das mesmas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, especificamente nas turmas dos sétimos anos. O conjunto de atividades, em decorrência do período que nos encontramos no cenário pandêmico, foi realizado à distância com o auxílio de plataformas como o *Facebook* e *Google Meet*. As atividades foram baseadas em uma metodologia e abordagem partindo da acessibilidade que os alunos iriam ter para desenvolvê-las através de ferramentas que foram disponibilizadas pela escola como plataforma de interação e trabalho entre alunos e professores e para fornecerem maior autonomia ao discente na resolução das atividades a partir das informações e gráficos que estavam presentes no corpo textual.

Para atender essa demanda, os bolsistas aos poucos foram moldando planejamentos, organizando encontros síncronos e disponibilizando atividades para serem postadas pela professora preceptora, o que exigiu que os mesmos se articulassem para a resolução de situações-problemas, tendo em vista as condições sociais precárias e a deficiência de não ter o acompanhamento dos professores na realização das atividades, assim como a dificuldade no uso das ferramentas digitais, como destaca Rezende, além do acesso à internet e da posse de equipamentos digitais adequados, o chamado letramento digital também é desigual na sociedade brasileira, de modo que nem todos os usuários têm intimidade com as novas tecnologias para saber manejar-las corretamente (REZENDE, 2016).

Após os seis meses de residência dentro da escola, busca-se apresentar os resultados dessa experiência com os alunos e a escola a partir da modalidade de ensino remoto. Além disso, também serão ressaltadas as adaptações necessárias para abraçar alunos com realidades e condições variáveis no contexto da pandemia para a participação e realização das atividades, tanto síncronas quanto assíncronas, e como esse período excepcional acarretou na formação docente dos bolsistas participantes.

2. METODOLOGIA

O período de experiência se definiu em quatro momentos principais divididos em: busca e organização de materiais para a construção do projeto, a construção do projeto em si, a execução do mesmo e elaboração individual de cada plano de aula e, por fim, o retorno das atividades dos alunos. O primeiro procedimento da experiência foi reunir os materiais a serem usados para a construção do projeto de ensino, do qual seria o referencial para a execução das atividades a serem construídas. Para a elaboração dos mesmos, foram usados documentos oficiais

como o Documento Norteador Municipal (DOM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documentos que foram base para a construção metodológica a ser desenvolvida nas atividades com os discentes. Paralelamente, a professora preceptora orientou quais conteúdos e temáticas eram prioridade no decorrer do trimestre.

Após concentrar esse material, os bolsistas reuniram-se ao longo de duas semanas para organizar e esquematizar o projeto de ensino com o auxílio da professora preceptora para que ele pudesse ser disponibilizado tanto para o coordenador do Residência Pedagógica quanto para a escola. No mesmo documento foram apresentados os conteúdos programáticos e a sequência pedagógica a serem trabalhados com os sétimos anos, trazendo uma relação entre as semanas, conteúdos, habilidades e princípios da BNCC, temática central e um breve resumo da atividade a ser executada.

A BNCC contribuiu para sustentar as metodologias que seriam trabalhadas com os discentes, onde foi trabalhado uma abordagem que liga os conhecimentos prévios dos alunos acerca da Geografia Física com perspectivas sociais, ambientais e culturais (BNCC, 2018, p. 355). Após o documento ser aprovado pela professora, pela Escola e pelo coordenador do programa, iniciou-se a experiência direta com os alunos.

Durante dois meses, os bolsistas executaram uma rotina procedural que envolvia a elaboração dos planos de aula, a apreciação dos mesmos pelo coordenador e pela professora e o envio desses para os alunos. Previamente os bolsistas construíam um plano de aula que detalhasse cada atividade, do qual foi constituído de uma abordagem textual e imagética. Como procedimento prático, foi incluído no final de todas as atividades exercícios que incentivavam os alunos a pensar, raciocinar, elencar, destacar, comparar e pontuar os diferentes conteúdos que fossem apresentados.

As produções textuais foram produzidas pelos próprios bolsistas, onde os mesmos utilizavam uma linguagem coloquial, simulando uma conversa que ocorreria em sala de aula para despertar maior interesse dos alunos. As imagens variavam entre mapas, charges, notícias, gráficos, entre outros, com o objetivo de trabalhar diferentes formas de linguagens e comunicações com os alunos, sempre os relacionando com o conteúdo de Geografia.

Realizada a produção textual, essa era submetida à avaliação da preceptora e, depois de aprovada, a tarefa finalizada era postada na rede social *Facebook*, que foi escolhida e utilizada pela escola como plataforma para interação da comunidade escolar e meio de registro das atividades. Os bolsistas, conforme fossem recebendo as atividades realizadas, iam dando um retorno aos alunos, apontando equívocos, caso houvessem, ou ressaltando aspectos positivos, como uma atividade que apresentasse um esforço maior por parte do aluno. Após cada atividade, os bolsistas registravam todos os alunos que haviam realizado as mesmas e enviavam semanalmente uma relação para a professora preceptora para que ela pudesse avaliar os alunos e manter atualizados os registros acadêmicos.

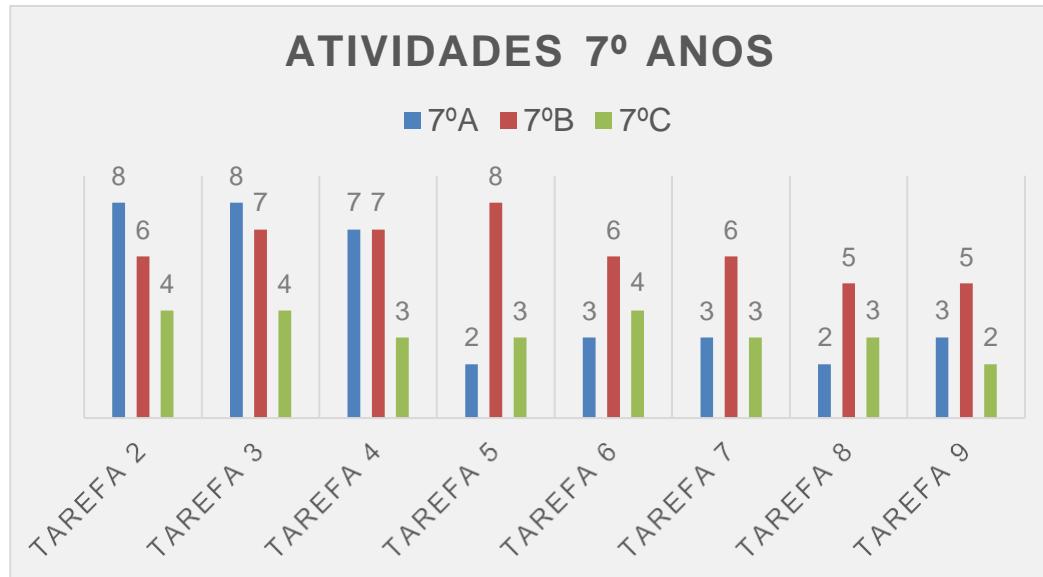
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados vieram a partir do retorno das atividades realizadas pelos discentes. A participação dos alunos foi satisfatória logo nos dois primeiros meses de experiência, onde, conforme a figura 1, podemos observar que nas tarefas 2, 3 e 4 a frequência de participantes via *Facebook* se manteve estável. As atividades

via impressão não puderam chegar aos residentes por determinação da escola, como mencionado anteriormente.

Após as três primeiras atividades, a participação dos alunos dos sétimos anos em geral decaiu consideravelmente, principalmente nos sétimos A e B, onde ambos caíram de oito alunos participantes para menos de cinco.

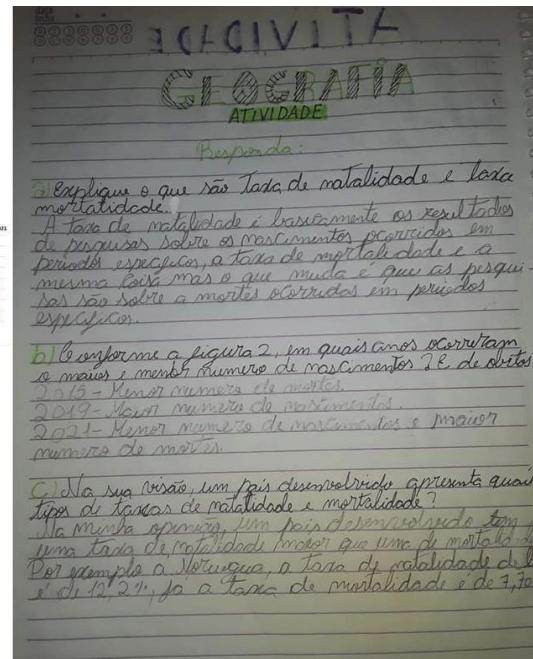
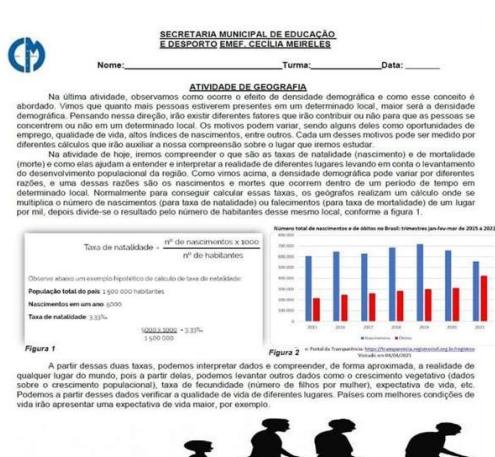
Figura 1 - Gráfico de participação de atividades dos séTIMOS anos ao longo da residência.



Fonte: Acervo pessoal

A imagem abaixo busca evidenciar as atividades que foram desenvolvidas com os discentes, juntamente com a resolução da mesma, mostrando o processo e a construção do conhecimento realizado pelos alunos da escola (Figura 2).

Figura 2 - Exemplo de atividade, seguida por resolução discente





Fonte: Acervo pessoal.

Dentro das atividades realizadas com as turmas de 7º ano, pudemos contar com a participação de um total de 27 alunos que estavam distribuídos em 3 turmas. Os registros dos encontros síncronos mostraram uma participação baixa em relação ao número de alunos que entregavam as atividades via *Facebook*, com uma média de 4 alunos participantes em cada reunião, normalmente com pelo menos um aluno representante de cada turma.

4. CONCLUSÕES

Apesar do período pandêmico e do ensino à distância em que as atividades foram realizadas, houve alunos assíduos na participação das atividades, com respostas que demonstraram um certo nível de entendimento acerca do conteúdo proposto. Os alunos que participaram com maior assiduidade conseguiram ter explicações e atividades sobre o conteúdo proposto para o sétimo ano. As principais dificuldades durante esse período podem ser apontadas como a falta de contato direto com o aluno e a comunidade escolar, adaptação de materiais didáticos que fossem utilizados sem a presença do bolsista e/ou professor e a falta de equidade entre os alunos em relação aos meios tangíveis para participação das atividades, como equipamentos eletrônicos e acesso à internet.

A experiência possibilitou aos bolsistas reconhecer a realidade das escolas em um período extraordinário e sensível para toda comunidade escolar e, a partir dessa situação, buscar alternativas para elaborar um material que fosse acessível e interessante aos alunos para que os mesmos mantivessem hábitos e vínculos com os estudos e a escola. Além disso, os bolsistas puderam ter um contato maior e uma troca de experiência com a professora que atua na rede municipal, além de aprofundar o uso e conhecimento de documentos escolares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

REZENDE, M. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. *Texto livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 9, n. 1, p. 94-107, 2016. <https://doi.org/10.17851/1983-3652.9.1.94-107>